

# Novo nematodeo parasito de rã sul-americana \*

por

J. F. Teixeira de Freitas e Herman Lent

(Com 3 estampas)

Em *Leptodactylus ocellatus* L., uma das rãs mais communs na America do Sul, Walton (1935) refere a existencia de *Oswaldocruzia subauricularis* (Rud., 1819) e *Oswaldocruzia filiformis* (Goeze, 1782) e em *Leptodactylus* sp.? a de *Oswaldocruzia pipiens* Walton, 1929.

Travassos (1937) assignala uma referencia anterior que fizera (1925) de *O. subauricularis* em *Leptodactylus ocellatus* como errada, e acredita ter havido engano na determinação de *O. pipiens* por Walton.

Provavelmente as duas outras referencias de Walton não poderão ser confirmadas; não conhecemos outro autor que tenha assignalado *O. filiformis* neste hospedador e, considerando que este trichostrongylideo é peculiar a animaes que não vivem na região neotropica, achamos conveniente não acceital-o. A não ser que Walton tenha determinado material de *Oswaldocruzia* proveniente de rãs sul-americanas, parece-nos, tambem, que a determinação de *O. subauricularis* é devida a Travassos (1925) e que, graças a razões expostas acima, foi considerada inexistente.

Até o momento, com exactidão, *Leptodactylus ocellatus* L. só possui um Trichostrongylideo: *Schulzia subventricosa* (Schneider, 1866).

Autopsiando, no Laboratorio de Helminthologia, algumas rãs mortas em experiencias realizadas no Laboratorio de Physiologia do Instituto Oswaldo Cruz, o prof. H. de Souza Lopes colleccionou alguns exemplares de uma especie de *Oswaldocruzia* que não conseguimos identificar a nenhuma das já existentes.

É ella aqui descripta em homenagem ao colleccionador do material.

## ***Oswaldocruzia lopesi* n. sp.**

(Ests. 1 a 3)

Comprimento: — Machos 4,90 a 6,14 mm.; femeas 5,48 a 8,63 mm.

Largura: — Machos 0,108 a 0,149 mm.; femeas 0,133 a 0,158 mm.

Corpo de coloração branca, com cuticula estriada longitudinalmente. Linhas longitudinaes presentes, levemente salientes, afastadas uma da outra de

\* Recebido para publicação a 2 de Julho de 1938 e dado á publicidade em Novembro de 1938.

cerca de 0,010 a 0,012 mm. Extremidade anterior afilada, geralmente curvada ventralmente, com dilatação cephalica anelada, medindo 0,078 a 0,093 mm. de comprimento por 0,040 a 0,045 mm. de maior largura nos machos e 0,070 a 0,087 mm. por 0,044 a 0,052 mm. nas femeas. Bocca simples, circundada por papillas inconspicuas. Esophago claviforme, com 0,37 a 0,43 mm. de comprimento por 0,038 a 0,052 mm. de largura maxima nos machos e 0,35 a 0,48 mm. por 0,044 a 0,070 mm. nas femeas. Anel nervoso situado logo atraz do meio do esophago, a 0,20 a 0,23 mm. da extremidade anterior nos machos e 0,17 a 0,28 mm. nas femeas. Póro excretor um pouco saliente, situado ao nivel da porção posterior do esophago, a 0,31 a 0,37 mm. da extremidade cephalica nos machos e 0,25 a 0,33 mm. nas femeas. Azas cervicaes lateraes presentes, estriadas transversalmente, com cerca de 0,013 a 0,015 mm. de largura, iniciando-se logo abaixo da dilatação cephalica e se extendendo até abaixo do fim do esophago, continuando-se, então, por uma linha longitudinal da cuticula. Papillas cervicaes presentes, alojadas nas azas cervicaes e situadas a 0,34 a 0,39 mm. da extremidade anterior nos machos e 0,28 a 0,35 mm. nas femeas.

Femeas didelphas, amphidelphas, com vulva situada na metade posterior do corpo, abrindo-se por uma fenda transversal situada no fundo de uma depressão circular do corpo de cerca de 0,03 mm. de diametro, distante 2,07 a 2,90 mm. da extremidade posterior. Ovejector com vagina curta e ramos divergentes, medindo aproximadamente 0,52 mm. de vestibulo a vestibulo. Utero anterior dirigido para diante, dobrando-se em U acima do fim do esophago. Utero posterior dirigido para traz, dobrando-se em U acima da região anal. Ovos de casca fina, geralmente em moruça na ocasião da postura, medindo 0,080 a 0,092 mm. de comprimento por 0,050 a 0,059 mm. de largura. Anus com labio anterior fracamente saliente, situado a 0,12 a 0,17 mm. da cauda. Extremidade posterior afilada, com um espinho apical de 0,008 a 0,013 mm. de comprimento.

Machos com bolsa copuladora bem desenvolvida, trilobada, com lóbo dorsal bem individualizado. Papillas pre-bursaes não evidenciadas. Formula bursal: raios ventraes sub-iguaes, nascem por tronco commum, caminham muito proximos, quasi contiguos; raios lateraes com tronco commum; raio lateral anterior logo se isola do tronco commum aos lateraes ficando aproximadamente equidistante do ventro-lateral e do lateral médio, e termina longe da margem da bolsa; raios lateraes médio e posterior sub-iguaes, com tronco commum, contiguos; raios dorsaes com tronco commum; raios dorsaes externos nascem do dorsal, são bem desenvolvidos, alojando-se nos lóbos lateraes da bolsa copuladora e terminando um pouco afastados da margem bursal; raio dorsal forte terminando, geralmente, em 6 pontas, das quaes as externas são mais desenvolvidas e as primeiras a se destacarem do tronco, a cerca de 0,025 a 0,045 mm. da origem dos dorsaes externos. Extremidade distal do raio dorsal susceptivel de variações (est. 3, figs. 4 a 7). Espiculos complexos, com 0,126 a 0,139 mm. de comprimento, apresentando nos 2/3 distaes uma série de processos reunidos por membrana hyalina. Estes processos são em numero de 4: o primeiro apresenta a porção distal curvada em arco e retorcida sobre o eixo longitudinal, sendo fortemente chitinisada; o segundo processo é rectilíneo e constituido por duas partes lateraes mais espessas e uma parte central menos chitinisada, termina em ponta longa e fasciculada; o terceiro processo é rectilíneo, sub-cilindrico, com base commum com o processo seguinte; finalmente,

o quarto processo, geralmente mais longo do que o terceiro, tem tronco commum com elle, apresentando a ponta, ás vezes, espessada. Variações são frequentes nos processos 1, 3 e 4: o primeiro processo apresenta commumente dois ramos filiformes, de comprimentos extremamente variaveis. Gubernaculo ausente.

HABITAT: — Intestino delgado de *Leptodactylus ocellatus* L.

PROVENIENCIA: — Rio de Janeiro, Brasil.

Typos e cotypos na collecção helminthologica do Instituto Oswaldo Cruz.

### DISCUSSÃO TAXONOMICA

De todas as especies do genero *Oswaldocruzia* Travassos, 1917, *O. lopesi* n. sp. mais se approxima de *O. mazzai* Trav., 1935 e *O. subauricularis* (Rud., 1819). Desta ultima se distingue pela presença das azas cervicaes, pelas menores dimensões dos espiculos, embora o comprimento do corpo seja semelhante em ambas, pela posição do póro excretor situado muito proximo ao fim do esophago, e pelo aspecto da região vulvar. Daquella se afasta pela presença das azas cervicaes e pelo aspecto dos processos espiculares.

### BIBLIOGRAPHIA

TRAVASSOS, L.

1925. Contribuições para o conhecimento da fauna helminthologica dos batrachios do Brasil. Nematodeos intestinaes. *Sciencia Medica*, **3** (11): 673-687, figs. 1-10.
1937. Revisão da familia *Trichostrongylidae* Leiper, 1912. Monogr. Inst. Oswaldo Cruz, **1**: VII + 512 pp., 297 ests., 1260 figs.

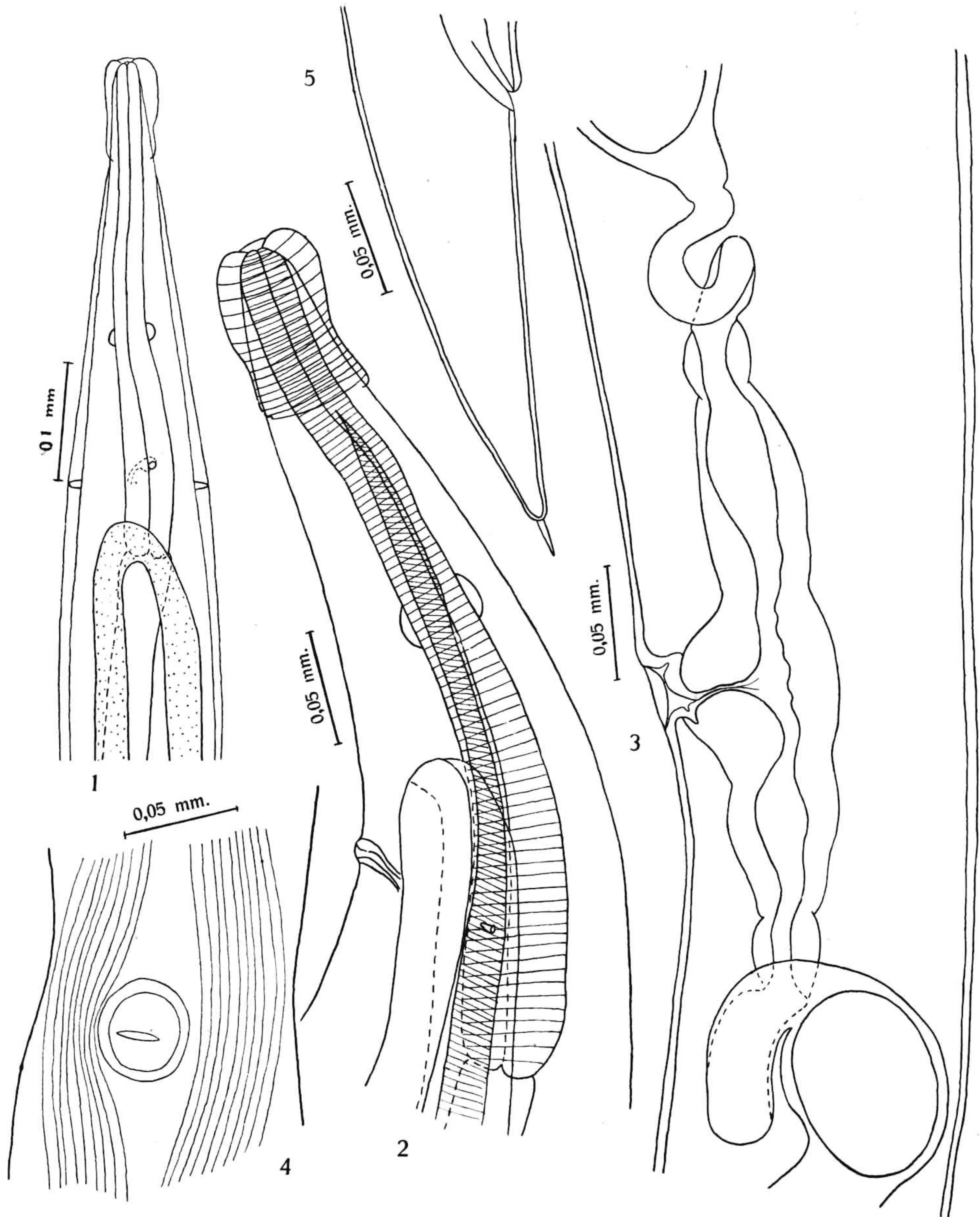
WALTON, A. C.

1935. The Nematoda as parasites of Amphibia. II. *Jour. Parasit.*, **21** (1): 27-50, figs. 1-4 b.
-

**Estampa 1**

*Oswaldocruzia lopesi* n. sp.

- Fig. 1 — Extremidade anterior do macho, vista ventral.
- Fig. 2 — Extremidade anterior da fêmea, vista lateral
- Fig. 3 — Região vulvar.
- Fig. 4 — Aspecto do orifício vulvar, visto de frente
- Fig. 5 — Cauda da fêmea.

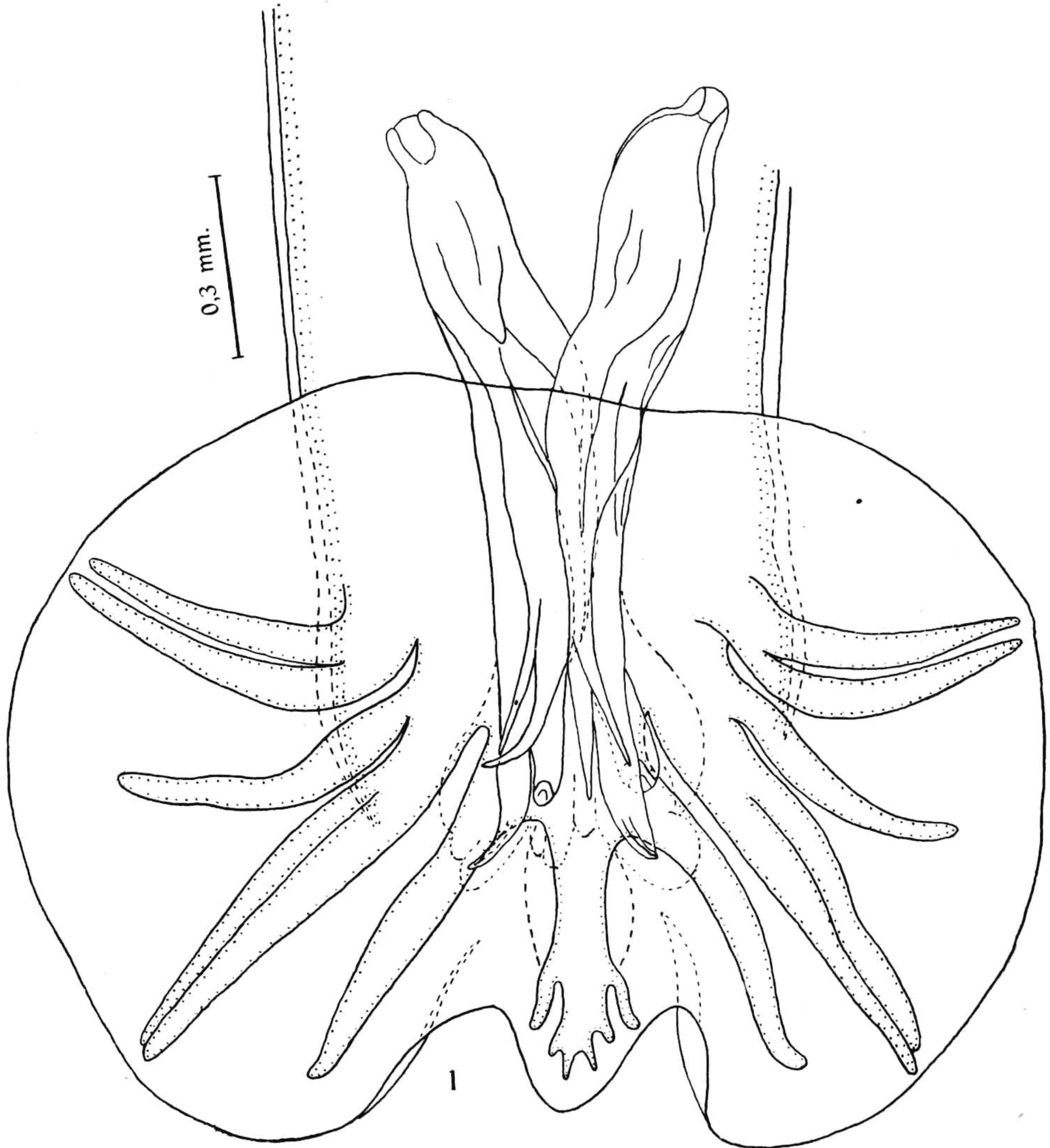


Freitas & Lent: *Oswaldocruzia lopesi* n. sp.

**Estampa 2**

*Oswaldocruzia lopesi* n. sp.

Fig. 1 — Cauda do macho.



### Estampa 3

*Oswaldocruzia lopesi* n. sp.

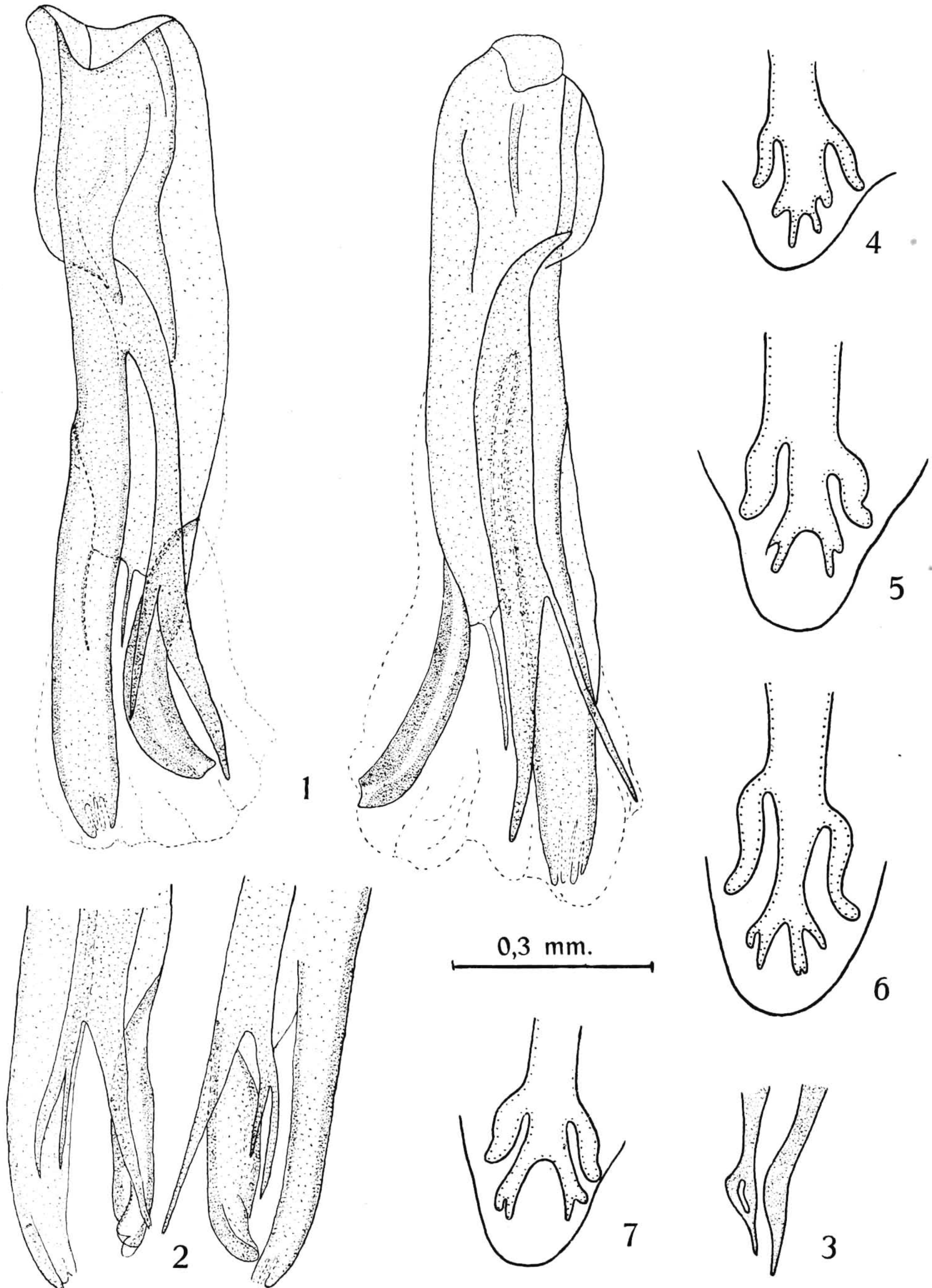
Fig. 1 — Espiculos (par).

Fig. 2 — Extremidade distal dos espiculos (par).

Fig. 3 — Variação de um dos processos espiculares, observada no mesmo par.

Figs. 4 a 7 — Variações do raio dorsal da bolsa copuladora





Freitas & Lent: *Oswaldocruzia lopesi* n. sp.